

CORREIO DO VOLTA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51
—
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
—
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceta collaboração que não seja sollicitada.

CARTAS D'ALGURES

Meu amigo:

Recorda-se v., certamente, d'aquelle banquete franquista, realiado ha uns bons seis annos na Lusa-Athenas, em que muita agua nos nasceu na boca, por passarmos o tempo, como modestos espectadores, a ver comer os outros.

Vinhamos da baixa, da habitual visita ao «Marques Pinto» e á «Avenida Navarro.» Esperava-nos, na republica, a sebenta, e subindo lentamente por Entre-paredes, iam dispendo o espirito, para a atacar. Mas, ao passar em frente ao theatro, um berro — abaixo a lei de 13 de fevereiro! — deteve-nos.

Você disse logo: «temos João Franco, pela certa.»

Approximámo-nos e, realmente, o dictador escapava-se por entre um magote de populares, acompanhado do seu estado-maior.

Tratava-se d'um banquete de propaganda politica. Erguendo a taça, e bebendo pela regeneração social, moral e politica do paiz, o Franco poria ao sol a vida dos rotativos, como já tinha feito no Porto, d'onde chegava.

Assentámos — lembra-se? — em mandar a sebenta á tabúa e, só por isso, sentimos o espirito aliviado, mais alegre, e entrando no theatro ficámo-nos a olhar para a meza, a ver tanta coisa boa, e a... saborear a ideia.

Quer você acreditar que ainda se não me apagou da memoria a figura rubicunda d'aquelle abbade que não foi capaz de levantar a tromba — salvo seja — de cima do prato?

Parece-me que ainda estou a ouvi-lo roncar, depois de abarrotado, com a cabeça a rolar sobre a meza, enquanto o Franco fazia a autopsia do Hintze e do José Luciano!

O abbade tinha collegas. Parecia que toda aquella gente estava alli apenas para comer, beber, adormecer e roncar.

Apesar d'isto, a semente do franquismo germinou, cresceu, e fructificou.

João Franco teve adeptos sinceros, correligionarios dedicadissimos, como nenhum outro chefe politico. Explicava-se isto pelo grande poder de suggestão da sua palavra.

Convenceu-se muita gente que o agrupamento politico que se denominou partido «regene-

dor-liberal» tinha um unico fim: trabalhar pela regeneração social, moral e politica do paiz. Os seus homens não pensariam noutra coisa. Não os dominariam interesses particulares. Nunca os separaria uma questão pessoal. Conflictos, entre elles, seriam apenas de ideias, de principios. Nada de ambições mesquinhas.

Este partido governou. Bem? Mal? Está isso já muito discutido. Não tomarei eu, portanto, a palavra sobre o assumpto. Apenas quero notar que, emquanto governo, a unidade, a cohesão das forças que o constituíam se affirmou d'uma maneira notavel.

Depois d'isso mesmo, emquanto o partido regenerador se esfacelava, seguindo cada um dos seus homens o caminho marcado por amizades e interesses pessoases, os franquistas conservavam-se unidos, fortalecendo-se para a lucta, e preparando-se para governar outra vez.

Já muita gente sonhava com um novo ministerio regenerador-liberal. Fallava-se até, por entre dentes, no João Franco para presidente.

Mas, de repente, surge uma scisão. Cinco ou seis dos seus homens mais em evidencia — entre elles os srs. Mello e Sousa e Malheiro Reymão — põem casa á parte.

Porquê? Não se sabe.

O *Diario Illustrado*, talvez pela penna do sr. Reymão, seu director, define attitudes, mas... não diz nada sobre o assumpto.

E' interessante. Affirmam que... continuarão a ser franquistas. E com isto pensam tapar a boca á opinião publica.

Transcrevo d'aquelle jornal:

«Os principios essenciaes da nossa fé politica, contidos no programa do nosso partido, continuam de merecer-nos o mesmo culto fervoroso, com aquelle desprendimento e isenção com que sempre por elles trabalhámos. Porfiaremos sem descanço por que sejam praticados, bem convencidos de que é tempo e mais que tempo de cuidar a valer dos interesses da nação.»

Mas — que demonio — se assim é, se continuam regeneradores-liberaes da mais pura gema, porque abandonaram o chefe?

Os anjos que respondam. Mas não andaremos longe da verdade, dizendo: o sr. Rey-

mão, o sr. Mello e Sousa, o sr. Teixeira de Vasconcellos, o sr. Antonio Costa, o sr. José Lobo, puzeram casa á parte pela mesma razão porque a haviam posto o João Franco, o Alpoim, o Campos Henriques, o Teixeira de Sousa.

A scisão passou a ser — moda, o que revela, sem duvida, grave doença no organismo politico nacional.

A politica — desfaz-se. E, porque nada se perde e nada se cria, mas tudo se transforma, tambem ella, seguindo a lei universal, ha-de necessariamente transformar-se.

Como todas as scisões seriam bem vindas, se concorressem para a sua transformação completa, de maneira que não ficasse um atomo sequer d'essa matrona que está a afundar cada vez mais este paiz.

Seu do coração

A. B. C.

GAZETILHA

Gazetilha
D'esta vez
Hoje aqui
Ninguem pilha;
Não se faz
Olari.

Depennado
Mal disposto
Metto dó;
Exgotado
'Stou sem gosto
Olaró.

Se o foliar
Não mandaes
Passo o pé
Sem voltar
Nunca mais,
Olaré.

Porque emfim
Nem par'ceis
D'esta villa,
Pois de mim
Vos 'squeceis
Olarilla.

EL-VIDALONGA.

NOTAS LIGEIRAS

JURAMENTO

Realizou-se, na sexta-feira, a cerimonia do juramento do sr. D. Affonso, como herdeiro presuntivo da corôa.

Foi bem escolhido o dia, porque antecipou as ferias da Paschoa. Sua Alteza ficou a merecer toda a sympathia da mocidade escolar.

A INFRAÇÃO

Sobre o assumpto local — infracção — havemos de dizer mais uma palavra — a ultima. Mas temos tempo.

CUMPRIMENTOS

Está em Lisboa o sr. João Franco.

Consta que foi alli expressamente para cumprimentar os srs. Reymão e Mello e Sousa pela sua... emancipação.

Deve ser assim — porque partido franquista, sem João Franco, é coisa que não faz sentido.

«O NORTE»

Suspendeu, mais uma vez, a sua publicação o *Norte*, diario republicano do Porto.

Promette reaparecer. Fazemos, por isso, votos, para que, ao apresentar-se de novo, tome a orientação digna dum partido que tem, como principal missão, educar o povo.

QUE PENA!

Conta o nosso collega *Soberania do Povo* que appareceu na feira de Santo Amaro, concelho de Estarreja, uma junta de bois que causou a admiração de toda a gente pela sua altura e corpulencia, sendo vendida por 80 libras para um dos talhos de Lisboa.

E matam-se, sem dó nem piedade, tão bellos exemplares!

POLITICA D'ATRAÇÃO

O *Diario Illustrado*, definindo a attitude do sr. Reymão e Mello e Sousa, que se emanciparam da chefia do sr. Vasconcellos Porto, diz que a sua politica será de atracção e nunca de repulsão e afastamento.

Mas será capaz de fazer politica desta ordem quem se desliga d'um partido por uma simples questão de... penacho?

O que é o "Povo d'Aveiro"

VI

Admirar um homem pelo seu valor intellectual, pelo seu character moral — dissemo-lo no ultimo artigo — não equivale a aceitar sempre a sua opinião, a não discordar nunca da sua maneira de proceder.

O *Povo d'Aveiro* teve uma phase em que seguiu esta doutrina.

Então, como já tivemos ensejo de notar, occupando-se dos interesses nacionaes, esforçava-se por orientar o partido republicano, segundo o seu modo de vêr, discutindo mais factos do que homens, mas não discutindo nem uns nem outros por systema, nem servindo-se de processos immoraes.

Reconhecia que naquelle partido havia homens de talento e de alta envergadura moral. Reconhecia-o e dizia-o. Muitas vezes lhes prestou publicamente a homenagem da sua admiração.

De Basilio Telles confessou-se admirador até á morte. De Bernardino Machado affirmou que *ninguem o admirava nem respeitava mais do que elle.*

João de Menezes era muito intelligente e honestissimo. Affonso

Costa era advogado *talentoso e distincto* lente de Direito.

Mas uma coisa não fazia o *Povo d'Aveiro* — applaudir invariavelmente.

Quando o partido republicano, ou algum dos seus dirigentes, errava, não ficava calado. Dizia-o claramente.

Procedia da unica maneira digna d'um jornalista honesto.

Applaudir sempre, ou condemnar por systema, é indigno.

Esta indignidade constitue, actualmente, o traço mais saliente da obra do *Povo d'Aveiro*.

Temos já apresentado varias provas d'esta affirmação. Muitas apresentaremos ainda.

Mas, para que o nosso trabalho se torne mais impressivo e mais eficaz, comecemos tambem a fazer o confronto do que o *Povo d'Aveiro* é hoje com o que foi nessa phase de orientação ao mesmo tempo doutrinaria e de combate serio e honesto.

Remontemos a 1903.

Um facto de importancia para o partido republicano se dá nessa época — a adhesão á republica do sr. dr. Bernardino Machado.

O *Povo d'Aveiro* recebeu com palavras de louvor a resolução do antigo ministro da monarchia.

Fez-lhe, por varias vezes, elogios. Reconheceu que elle prestava bellos serviços ao partido republicano.

Mas discordou, por varias vezes tambem, das suas opiniões. Apontou-lhe erros. Accentuou principalmente a sua divergencia da maneira como aquelle partido se conduzia para com o novo e illustre chefe.

Fazia-o com clareza, com energia, mas tambem com decencia, com nobreza, sem descer ao insulto, sem dar ás suas discussões o character pessoal, sempre irritante e immoral.

A sua obra era sympathica e educativa.

O numero dos seus leitores seria pequeno, mesmo muito pequeno, relativamente ao que conta hoje.

Mas isto mesmo provava a seriedade e honestidade da sua orientação.

O povo não o lia, porque não estava educado para isso. Mas lê-o hoje, porque encontra nelle satisfação ás necessidades do seu espirito pervertido.

A sua obra tornou-se, portanto, antipathica, profundamente desorientadora e desmoralizadora.

Passemos aos factos.

Em 29 de novembro de 1903, pouco depois da adhesão do sr. dr. Bernardino Machado á republica, escrevia aquelle jornal:

«Quem vae, vae. Quem fica, fica. O sr. Bernardino Machado, por exemplo, enaltece muito os processos de José Elias Garcia. E' uma opinião muito respeitavel. Mas a verdade é que esses processos nem serviram nem servem. José Elias Garcia tinha grandes qualidades pessoases. Nega-las seria estupidez. Mas quiz fazer politica monarchica dentro do partido republicano. Cercado de corruptos, quiz alimentar esses corruptos pelos processos por que os monarchicos alimentavam os seus. Ora

se os processos monarchicos teem matado a monarchia, com muito mais razão hão-de matar a republica. D'esses processos resultou o descredito profundo do republicanismo portuguez.

..... Não quer isto dizer que se não honrem as virtudes pessoas, os serviços e os meritos de José Elias Garcia. Mas fazer apologia de escolas, e processos passados, no partido republicano, neste momento em que, tão periclitante como elle está, pretendem uni-lo e consolida-lo, parece-nos erro muito grave.»

Em 31 de janeiro de 1908 o sr. dr. Bernardino Machado fez uma conferencia no Porto. O *Povo d'Aveiro* noticiou-a nestas palavras:

«Foi verdadeiramente notavel, por todos os titulos, a conferencia realisada no Porto pelo sr. Bernardino Machado. O illustre cathedratco está prestando relevantes serviços á causa democratica e fazendo por ella o que se não fazia ha muito tempo.

Não queremos dizer com isto que o partido republicano vá surgir forte e poderoso de um dia para o outro. Infelizmente, não succederá isso, porque não está na mão de nenhum homem, por maior que seja o seu talento e o seu esforço, alterar o curso e a força dos acontecimentos. Não succederá isso, e oxalá, até, que o partido republicano não faça ao sr. Bernardino Machado aquillo que tem feito a outros, e de que já vão apparecendo alarmantes symptomas: gasta-lo com a mesma rapidez com que o idolatram.

..... Poupem os homens de incontestavel valor, como o sr. Bernardino Machado. Não lhe peçam conferencias de todos os cantos do paiz e a proposito de tudo. Porque ou o illustre cathedratco rejeita, e isso ser-lhe-ha doloroso, ou vae, e, depois de estar farto de percorrer o paiz, o resultado não será correspondente ao esforço, e todos cairão de novo no desanimo do costume.

.....»
E, para terminar, por hoje, deixando os commentarios para outro dia, transcrevamos alguns trechos do artigo publicado pelo *Povo d'Aveiro* em 4 de setembro de 1904, a proposito da apresentação feita pelo sr. Bernardino Machado do jornalista Luiz Morote a D. Carlos:

«O sr. dr. Bernardino Machado acaba de fazer um notavel reclame a sua magestade el-rei D. Carlos, reclame que é habilmente aproveitado pelo *Dia*, pela *Epocha* e por muitos outros periodicos monarchicos. Deu volta á imprensa, pode-se dizer. E isso bastaria para demonstrar ao sr. dr. Bernardino Machado o erro que commetteu, se tal demonstração fosse necessaria.

Para nós são inteiramente indifferentes as qualidades pessoas de sua magestade. Não as affirmamos, nem as negamos. Affirmamos-las, negamos-las, se um alto dever de justicia a isso nos obrigasse. Mas, por simples amabilidade ou lisonja, ou por simples grosseria, de forma nenhuma.

Os jornaes monarchicos enganam-se. E' grosseiro, sem duvida, injuriar o rei, como é grosseiro injuriar seja quem for. D'accordo. Ahamos incorrecto esse procedimento. Mas não é menos incorrecto render, espontaneamente, louvaminhas, ou mesmo homenagens superfluas, desnecessarias ou inoportunas, aos nossos mais qualificados e ardentes inimigos.

A correccção, a fidalguia, está num^a reserva moderada e altiva.

..... Fosse como fosse, o sr. Bernardino Machado esqueceu-se de que os seus correligionarios vivem num regimen de oppressão, num regimen que ha muito tempo poz de parte a liberdade e o direi-

to, num regimen que considera o partido republicano um *partido illegal*, que assim o diz nos seus periodicos sem reboço e que assim o trata, e que o rei, por mais altas que sejam as suas qualidades pessoas, e por maior que seja a sua abstenção dos negocios do estado, abstenção que os monarchicos são os primeiros a negar, é o verdadeiro representante d'esse regimen perseguidor, intransigente, rancoroso.

Louvar o rei, ainda que o louvor seja merecido, é ferir legítimas susceptibilidades, é, queiram ou não queiram, engrandecer o regimen que elle personifica e synthetisa. Não sendo necessario, não sendo um louvor imposto por um alto dever de consciencia, alem d'um erro politico indesculpavel, sob todos os aspectos, um acto incorrecto, contra o qual não podemos deixar de protestar.

Temos a certeza de que a grande maioria do partido republicano está, a estas horas, pensando como nós, mas tambem estamos certo de que seremos nós o unico a protestar.

E' outro erro. Ninguem respeita, nem admira mais o sr. Bernardino Machado do que nós. Temos por s. ex.^a a mais viva sympathia. Mas o partido republicano é um partido de opinião, e indispensavel se torna que, dentro d'elle, a opinião se manifeste.

Toda a gente é susceptivel de commetter erros. Para que o erro se corrija, para que não se repita, para que os proprios chefes saibam o caminho que hão-de trilhar, é indispensavel que o partido, sem faltar ao respeito devido ás pessoas, diga, comtudo, alto e bom som, o que sente e o que deseja.

SECÇÃO LITTERARIA

AS OPINIÕES DO MEU VISINHO

Eu móro n'uma hospedaria. E' inutil explicar as razões do facto. Certo é porem, que, ha já uns annos, vivo modestamente no segundo andar d'um predio d'azulejo, n'uma rua escondida da cidade, onde não passam trens, não se houve o tilintar agudo das campainhas dos electricos, e só a espacosa, nas tardes somnolentas e calmas, quando gatos sonham ao sol estendidos nos passeios, o som dolente d'uma gaita d'amolador ou o pregão nostalgico e longiuo do homem dos *abatjours* põe uma palpação de vida na paz amodorrada do bairro.

Gosto d'aquella serenidade. O meu quarto tem uma janella larga d'onde se vê o rio. A casaria branca da Graça e do Monte, estende-se docemente em amphitheatro a meus pés, até se confundir mais longe, com a massa pesada dos barracões da alfandega.

De baixo vem o ruído indistincto e vago do movimento e da vida das ruas; e é grato a meus filhos e á minha alma, nos dias de muito sol e muita côr, sentar-me n'uma grande cadeira de verga, em frente da janella aberta, olhando adormecidamente a tremulina azul do calôr nos montes da Outra-Banda, o vôo lento e branco das gaiotas, as velas de faluas que passam devagar n'uma esteira luminosa de espuma e o penacho de fumo do vapor de Cachelas.

E, se nesse momento, oiço as quatro notas doces do *amolla-facas* ou a nostalgica voz do pregoeiro, então cerro os olhos de todo e continuo a ver o céu azul, o rio azul, as gaiotas brancas e as velas brancas das faluas, paradas e frescas.

Até que, já farto das côres constitucionaes, acôrdo quasi sempre á hora do jantar e lá vou para a mesa palestrar com os meus companheiros de casa.

São sete cavalheiros muito agradaveis que estão sempre de accor-

do até em serem todos sete nutridos.

Todos os dias, á hora do jantar, inquiram carinhosamente das saudes respectivas, sentam-se com um sorriso satisfeito, desdobram os guardanapos brancos lentamente, mechem a sopa com a ponta da colher para esfriar e comem-na em silencio. Depois conversam com methodo e com sobriedade.

Não teem politica e leem todos o *Diario de Noticias*.

Ora eu estou á direita d'um baixinho, gordinho e sorridente como os outros seis. De principio, nos primeiros tempos do meu ingresso no convívio de tão honestas pessoas, eu distingui o meu visinho dos restantes companheiros de mesa.

Era gordo como os outros, amavel como os outros, mas tinha um *não sei quê* de diferente na expressão fina dos seus olhinhos pretos e brilhantes e sobretudo interessava-se pouco com os assumptos que despertavam a attenção commum. Tentei entabular uma conversa que me permitisse sondá-lo, mas encontrei pela minha frente a impenetrabilidade dos sorrisos e das boas maneiras e, a pouco e pouco, fui esquecendo o meu interesse particular por elle.

Até que, ha poucos dias, eu tive occasião de, por um d'estes casos imprevistos, travar mais intimo conhecimento com esse extraordinario homem que come sopa a meu lado ha perto de dois annos.

Eu tinha lido nos jornaes a historia d'uma princeza que fugira ao marido, tinha filhas já mulheres e por isso não tinha direito nenhum de fazer coisas d'essas.

E, como se dê o caso de eu ser muito demagogo, não gostar de princezas que fogem com esses cavalheiros que eu não conheço, succedeu que, n'esse dia, á sobre-meza, zanguei-me immenso e aproveitei a occasião para dizer mal das meninas ricas. Fiz um grande discurso.

Fallei da educação mal orientada das mulheres da cidade, do meio artificial em que vivem, da falta absoluta das mais elementares noções do que eu chamava indignado «uma verdadeira e sã moral». Fui muito inconveniente e chamei ás senhoras *manequins walsistas*.

E, como os meus ouvintes eram todos provincianos eu passei a louvar a provincia. Disse a simplicidade dos costumes, a pureza d'alma dos meios rudes, a ingenuidade, a bondade sincera da mulher que vive retirada dos grandes centros e que, concluia eu com convicção: «é a unica capaz de fazer a felicidade, d'um homem que a escolha para companheira da sua vida». Fui muito apoiado e um dos meus amigos natural da Beira Baixa declarou commovido que eu lhe tinha tocado o coração.

E, foi então, quando eu gosava o meu triumpho e a certeza grata da minha eloquencia, que o meu visinho da esquerda se me debruçou sobre o homem e me segredou:

—O cavalheiro não pensa o que diz. Deixe-os sahir que eu lhe ponho essa psychologia a direito.

Entupi. Aquelle homem era um psychologo!

Esperêi ansioso que todos saíssem e quando me achei sosinho, em frente d'elle, apurei os ouvidos, para melhor entender as coisas reveladoras que do seu labio esperava.

Elle então começou:

—O meu amigo é muito novo e eu tenho reparado que, ainda por cima, gosta de versos, e, o que é peor, fá-los e, o que é ainda muito peor, publica-os porque eu já li.

Confesso que fiquei chocado. Elle continuou imperturbavel:

—D'ahi, o eu não me admirar do seu enthusiasmo pela provincia. Mas, como sympathido consigo quero dizer-lhe algumas verdades.

O senhor não conhece a provincia. O que o senhor vê na vida do campo é só o lado lyrico. O senhor, por exemplo, não comprehende uma paisagem á tarde, sem o toque das Ave-Marias nos sinos das aldeias e o regresso ao lar do cavador cansado.

E o meu interlocutor sorria. Eu sorri tambem, e elle, notando-o, disse logo.

—E' assim mesmo que o senhor diz nos versos, que eu sei. A rustica simplicidade, a fé, a pureza de coração e mais o aldeão ingenuo de mãos callosas e alma boa e mais isto e mais aquillo... Ora, diga-me cá: o senhor pensa em ser advogado, não?

—E' facto, respondi eu.

—Pois então permita Deus que o senhor um dia, numa questão qualquer, não tenha que se defrontar com um desses cavalheiros e mais com a sua simplicidade. E' d'arrazar, meu caro amigo! A facundia e a velhacaria celebre de Ulysses, o fabuloso velhaco, ficam a perder de vista diante d'aquelle sujeito sorna, que torce o barrete, que não olha direito, que repisa as palavras mil vezes e que o trata por *Sua-Excellencia*. Isto no que diz respeito á simplicidade. Agora o desinteresse. Esse figurão que o senhor alli vê é ladrão como milho, é ratinhador e é d'um egoismo feroz... Por uma questão de partilhas, o nosso amigo insulta a mãe, diffama as irmãs e era capaz de pôr as tripas ao sol ao proprio Christo se elle apparecesse a contestar-lhe a herança. Numa aldeia do Ribatejo, já eu vi, um irmão matar outro, á bordoada, por causa duma questão que tivera a sua origem numa melancia. No que diz respeito ás mulheres, bem melhor do que eu o poderão informar os padres das aldeias e o innumeravel rebanho de filhos que assistem ao casamento dos paes, quando não é só ao das mães.

Eu estava furioso, Não me contive, gritei:

—Mas a culpa d'isso não é d'elles! E' a ignorancia, o estado de barbarie em que se encontram, mercê...

O meu visinho atalhou:

—Perdão, perdão! As coisas são o que são. Se fossem diferentes eram assim. E' da Sabedoria das Nações e já assim m'o ensinou um professor d'introdução que eu tive.

Fez uma pausa e proseguiu:

—E agora, subamos na escada. Vamos á gente fina. A favor d'esses já não pode adduzir os argumentos que eu vejo estremecerem a sua bocca de rapaz entusiasta. Essa gente é *pseudo-civilizada*, essa gente tem dinheiro, tem mesmo quasi sempre muito dinheiro e podia ser decente se quizesse.

As senhoras vestem á moda, penteiam-se á moda, lêem jornaes e romances, têm enxaqueca e são hystericas. Quando se encontram no passeio em tardes de musica beijam-se em ambas as faces como as elegantes da cidade. Duvída? Percorra a provincia, vá aos clubs das terras sertanejas em dias de *salsifré* e verá. O typo da provinciana de romance, da morgadinha de conto, ha muito que passou á historia. A provincia macaqueia tudo e exagera tudo, ainda por cima. A mulher da provincia tem hoje todos os defeitos da mulher da cidade, sem nenhuma das suas qualidades: nem a graça, nem o requinte, nem a gentileza. A donzella da villa, se não é estúpida, quando o meu amigo lhe dirige a palavra falla-lhe ridiculamente em Camillo, em Julio Diniz, e muitas vezes vae mais longe e diz coisas horrorosas sobre Lamartine! Ah! meu amigo: *Le monde marche*...

Eu estoirava d'espanto. Que homem que era o meu visinho!

—E o que lhe succede a si? continuou elle ás grandes passadas pela casa. Como está de boa fé, o meu amigo põe-se logo a sonhar delicias e a idealisar uma creatura adoravel naquella provinciana cheia

d'escola e mais pratica que o senhor. Ella tambem sabe ser modesta e timida. Representa bem, porque desde muito pequena aprendeu a fingir, a enganar, com tanta maior perfeição quanto o meio é mais restricto e os actores se conhecem uns aos outros. Conhece a vida lindamente, creia. A ingenuidade perdeu-a cedo na atmospheria d'intriga da terra pequena. Tem ouvido todos dizerem mal uns dos outros pelas costas e abraçarem-se volvidos instantes. D'ahi veio-lhe a noção de que a vida era uma comedia que era preciso representar constantemente e onde a fortuna é de quem for melhor actor.

E' com esta noção que se prepara para arranjar marido! Antes de chegar á idade propria, para se distrahir da monotonia da existencia, começa a comedia do amor. Namora. O namoro é a sua distracção, o seu theatro, o seu baile. Os paes empurram, porque receiam vê-las ficar solteiras. Namoram tudo! velhos, novos, amanuenses e segundos sargentos. Em pouco tempo está desqualificada, e não ha um homem serio que a queira para mulher. Em compensação, aos dezoito annos, ahi tem o meu amigo uma madame de Sévigné com erros d'orthographia, uma Soror Marianna sem os inconvenientes do habito e da grade conventual. E como não acreditar numa ingenuidade que escreve coração com s! Ah! idealistas, cautela com a provinciana!

O meu visinho desconcertava-me; eu quiz arrasa-lo e disse-lhe ironico:

—O meu visinho, na sua mocidade, teve naturalmente alguma desillusão na provincia?

O homem recuou varado. Fez-se pallido, pôz os olhos no chão e tornou, depois d'uma grande pausa:

—Tive. Tinha eu vinte annos. Ella dezoito. Foi em Freixo de Espada-á-Cinta! Eu andava a estudar latim em Lisboa e via-a até nas folhas do Diccionario. Ia lá todos os mezes e nas férias. Fui lá dois annos a seguir. Da ultima vez não a encontrei no sitio do costume. Vi um trem á porta da casa da familia. Perguntei quem era. Disseram-me que era... a parteira. Casaram-na. Vive feliz. Eu deixei o latim e fiz-me amanuense. Ganho hoje oito tostões por dia.

Pegou no chapéo e na bengala, e saiu sem me dizer mais nada.

* * *

Decididamente mudo de casa. O meu visinho escangalhou me os nervos.

1904.

Ramada Curto.

NOTICIAS PESSOAES

Partidas e chegadas

Acompanhada de sua gentilissima filha, a sr.^a D. Maria Alcide, partiu para Lisboa a sr.^a D. Leopoldina da Conceição Fernandes Figueiredo.

—Afim de passarem as ferias da Paschoa, em companhia de suas Ex.^{mas} Familias, retiraram para o Povo do Forno (O. do Bairro) os nossos presados amigos srs. Manuel d'Oliveira e Santos e Adriano Joaquim de Carvalho, estudantes no Porto.

Estadas

Esteve entre nós, retirando já para Lisboa, o nosso presado amigo e conterraneo sr. Manuel Marques Saldanha.

Anniversarios

Fez annos, no dia 19, o nosso illustre amigo e considerado capitalista do Porto, sr. José Moreira da Rocha Brito.
Cordeaes parabens.

Pelo telephone

Pede-me v., meu amigo, para eu lhe encher semanalmente uma columna do seu jornal. E pede-m'o d'uma maneira tão captivante, que eu tenho de dizer que sim.

Não me comprometto para todas as semanas, mas uma vez por outra, receberá meia duzia de noticias.

Deste modo, fica prevenido que serei um simples informador. Mas — socegue — não vou explorar o gosto indigena, narrando casos sensacionais. Bem sei eu que, se o fizesse, v. me fecharia, logo, a porta. Quando tiver de noticiar algum crime, fique certo de que o farei — em duas linhas. Não agradarei ao publico, mas cumprirei um dever.

E, dito isto, entremos no assumpto.

Tem passado muito doente a sr.^a D. Maria Pia. El-rei, seu augusto neto, visita-a todos os dias. As ultimas noticias dos jornaes dizem que vae melhor.

*

Fez no dia 17 cincoenta annos que tomou posse da sua cadeira de professor da Faculdade de Philosophia, na Universidade de Coimbra, o sr. Conselheiro Antonio dos Santos Viegas.

El-rei mandou-lhe, por intermedio do sr. Alexandre Cabral, Reitor da Universidade, uma carta regia de felicitações. Coimbra prestou-lhe as homenagens da sua admiração e respeito, numa manifestação carinhosa.

De tudo isso, e muito mais, é digno o venerando professor.

*

Morreu o grande actor João Rosa. Está de lucto a arte nacional. Fica vago um logar que difficilmente será preenchido.

*

Diz-se que o governo está na intenção de conceder pela semana santa um indulto geral aos estudantes das diversas escolas condemnados em penas disciplinares.

*

Foi distribuido, no dia 17, no Supremo Tribunal, o recurso interposto pelos reus Leandro Gonçalves e Antonio Fernandes, incendiarios do predio da rua da Magdalena.

*

A barca «Amigos do Povo» naufragou á saída do porto da Villa da Magdalena, ilha do Pico. Calcula-se em 40 o numero das pessoas que morreram.

... Prometti meia duzia de noticias e ahí vão ellas. Ponto final, portauto. D'outro modo, começaria a faltar, logo no primeiro dia, á minha palavra.

Não digo que o programma não possa ser alterado pormotivo imprevisto. Mas, fazê-lo já hoje, seria d'um descaramento inqualificavel. — X.

D'ALÉM-MAR

Manaus, 22-2-910

(RETARDADA)

Estiveram imponentes as exequias mandadas celebrar pelo Centro Pernambucano, no dia 24 do mez passado, em commemoração do 7.^o dia do fallecimento do embaixador brasileiro em Washington, o notavel homem publico Joaquim Nabuco.

Assistiram, alem dos funcionarios publicos, estadoaes e federaes, representantes de todas as classes sociaes.

—Esta capital conta mais um melhoramento importantissimo cuja necessidade ha muito tempo se fazia sentir. E' o Asylo de Mendicidade, cuja inauguração se realisou no dia 3o do mez passado.

Compareceram ao acto o sr. coronel Antonio C. B. Bittencourth, digno governador do Estado, o seu secretario, officiaes do gabinete, e muito povo.

—Passou, no dia 1, o 2.^o anniversario do assassinato de D. Carlos e de D. Luiz Felipe. Não se realisaram exequias nesta cidade, mas tambem não passou despercebida essa data.

—No dia 15, voltou-se uma canção em que saiam os srs. Domingos Gonçalves Branco, Benito Gil Alen, Augusto Pires d'Almeida e Manuel R. Teixeira, conseguindo todos salvar-se, menos o primeiro, Gonçalves Branco era portuquez e empregado na padaria «Patria», da firma Pinheiro & Gil.

Lamentamos a triste occorrença e acompanhamos na sua dôr toda a familia enluctada

—Decorreram animadissimos os festejos carnavalescos.

A Avenida Eduardo Ribeiro, o ponto principal das festas, estava repleta de povo. Travavam-se, de todos os lados, animadissimas batalhas de confettis, dando os combatentes provas de heroismo e audacia.

Quando chegavam, incorporados, os socios d'algum club, o entusiasmo e a alegria redobravam. Dos diversos clubs, que organisaram cortejos, o que se apresentou melhor, merecendo muitos applausos, foi o Wite Club.

A Panificação Amazonense tambem apresentou um carro em que iam os srs. Almeida e Pereira da importante firma Pereira Santos & C.^a, e o seu empregado Ladeira que distribuiam ao publico varios réclamos.

No dia 8, á noite, quando os festejos attingiam o auge do entusiasmo, foi preso, na Avenida E. Ribeiro, um aprendiz de marinho, que, resistindo, levou os soldaos que o acompanhavam a desembainhar os sabres.

Em face d'esta attitudo dos agentes da auctoridade, houve protestos, estabelecendo-se uma certa confusão e desordem, que em breve serenou, continuando os festejos até de madrugada e tendo um epilogo verdadeiramente lamentavel.

Andavam, na praça dos Remedios, com animado folguêdo, os srs. José A. da Cruz, João Ribeiro, Antonio R. Andrade e José Martins. Este, altas horas já da madrugada, deu-lhe na cabeça para ir bater á porta da casa n.^o 30, onde reside Maria de Lima. Esta estava acompanhada do sr. João da Cunha, que, não gostando da brincadeira, abriu a porta e travou azeda discussão com o Martins, e acabando por vibrar-lhe uma pancada que lhe produziu a morte.

O Martins era portuquez, contava apenas 22 annos e estava empregado na Fabrica de Andrade, Irmão & C.^a.

—Vindos de Portugal, chegaram a esta capital os srs. Adelino S. Bastos e Antonio Leite d'Almeida, socios da importante firma Pereira Santos & C.^a, e Germano Marques da Silva, José Ribeiro de Pinho e Armando S. Maia.

A todos, os nossos cumprimentos.

—Falleceu, o sr. Luiz Marques Ribeiro, natural d'Azurva, concelho d'Aveiro, e irmão dos srs. Manuel Marques Ribeiro, socio da importante firma Pereira Santos & C.^a, e Joaquim e Antonio Marques Ribeiro, todos aqui residentes.

O finado tinha chegado, ha pouco tempo a Manaus. abria-se deante si um bello futuro, tanto mais com o auxilio e protecção dos seus irmãos que gosam nesta capital de muita sympathia e consideração.

Mas foi infeliz. A febre amarella victimou-o em poucos dias. Sentimos sinceramente a sua morte e enviamos a todos os seus as nossas mais affectuosas condolencias.

(Continúa)

Annibal C. F. Paiva.

NOTICIARIO

Grupo dramatico — Sobre á scena, no theatro d'esta villa, no domingo de Paschoa e na segunda-feira immediata, o drama em quatro actos *A Batalha do Bussaco*.

Fará a sua estreia a menina Maria Silveira que nos dizem ter uma decidida vocação para o theatro.

Fallecimento — Pelo nosso obsequioso correspondente em Manaus, soubemos a triste noticia do fallecimento do sr. Luiz Marques Ribeiro, filho do nosso amigo sr. Luiz Costa, importante proprietario no visinho logar d'Azurva, e irmão dos srs. Manuel, Joaquim e Antonio Marques Ribeiro, residentes naquella cidade.

A todos, os nossos sinceros pesames.

Instrucção Primaria — Foi promovido á 1.^a classe o sr. José da Silva Freire, digno e illustrado professor official em Veiros (Estarreja).

Os nossos cordeaes parabens.

Desastres — Transcrevemos do nosso presado collega *Soberania do Povo* as duas seguintes noticias:

Na pedreira dos Troviscaes, em Travassô, explodiu ha dias inesperadamente um dos tiros, na construcção do caminho de ferro do Valle do Vouga, indo alguns estilhaços de pedra attingir o capataz Bernardino Leite, o qual caiu sem sentidos, com profundos ferimentos no peito, sendo grave o seu estado.

—Tambem nos trabalhos do caminho de ferro do Valle do Vouga, no Joinal, limite d'Agueda, caiu ha dias por uma ribanceira o trabalhador José Pinto, ferindo-se bastante na cabeça, pelo que foi necessario coser-lhe o ferimento a pontos naturaes, na pharmacia Alla.

Falta de espaço — Por este motivo temos de retirar á ultima hora, o folhetim, que concluirá no proximo numero, e a continuacção do artigo *modos de vêr*.

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS
Edição da Livraria Central,
de Gomes de Carvalho — 158;
Rua da Prata, 160, LISBOA.

PARA SERMOS UTEIS

Do nosso prezado amigo e assignante sr. Joaquim Nunes Baeta Junior recebemos a seguinte carta:

... sr. redactor:
Perdidas, emfim, todas as esperanças de que se chegue a um accôrdo entre o povo da freguezia de S. João de Loure para, por meio de subscrição, se construir um cemiterio, pensa a Junta em poder fazê-lo, lançando mão da derrama.

Assim m'o comunica o digno presidente da Junta, lembrando que o producto da subscrição existente em meu poder seja applicado, caso os srs. subscriptores não se opponham, para a ajuda da compra d'um portão para o referido cemiterio.

Se alguns dos srs. subscriptores não concordarem com este alvitre, podem vir receber a importancia, com que subscreveram, á rua Vasco da Gama, 78 (Lisboa).

Resta-me agradecer a todos os meus conterraneos e amigos a boa vontade com que me auxiliaram para levar a effeito o projectado cemiterio, devendo especialisar os nomes dos srs. Antonio Duarte Corrêa de Mello, José Rodrigues Corrêa de Mello (Melicias), Joaquim Dias d'Oliveira e José Ferreira Garro.

Não terminarei sem agradecer tambem a v., sr. redactor, a boa vontade com que sempre pôz á minha disposição as columnas do seu jornal.

Creia-me

De v., etc.

Joaquim Nunes Baeta Junior.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 15

(PARTICULAR)

Vindos de Manaus (Brazil) chegaram a esta capital os meus amigos e conterraneos srs. Clemente Rodrigues Simões e Marcellino da Silva Pinho, sendo-lhes offerecido um jantar em casa do sr. José Rodrigues Correia de Mello (Melicias), visitando-os nessa occasião, entre outros, os srs. José de Figueiredo, Julio Sequeira e Antonio Duarte Correia de Mello.

Os srs. Clemente Simões e Marcellino Pinho já seguiram para S. João de Loure, terra da sua naturalidade. Na estação tiveram uma affectuosa despedida por parte dos seus amigos.

Do coração desejamos que encontrem junto dos seus todo o bem-estar e alegria que os compensem dos trabalhos e amarguras que deveriam ter soffrido durante os tres annos de ausencia.

Joaquim Nunes Baeta Junior.

Idem, 17

Chamado por um telegramma, acaba de partir no rapido para S. João de Loure, onde vae visitar sua extremosa mãe que se encontra gravemente enferma, o meu amigo e illustre correspondente do *Correio do Vouga* nesta cidade, sr. José Rodrigues Correia de Mello (Melicias).

Sinto o motivo da inesperada partida e faço votos pelas melhoras da bondosa senhora. — Baeta Junior.

Troviscal, 16

Já ha tempo afastado do meu posto por variadissimas razões — muitos affazeres, falta de assumpto, etc., etc. — venho hoje retomar-o, pedindo desculpa aos meus dois ou tres leitores, se tanto, de haver feito o que fiz. Mas venho retomar-o, para que? Novidades não ha, que eu saiba. Não tem havido nascimentos, e por tanto nem baptisados, nem casamentos, nem mortes. Os ladrões tambem, felizmente, nos teem deixado em socego.

E eu a gabal-os! E' bem feito que elles qualquer dia nos ferrem a partida... As estradas estao bô... Ora sobre as estradas é que ha muito que dizer, louvando o zelo da camara.

Para que, porem? Não vaille a pena. Ella até agora não tem feito nada no sentido de as mandar tornar transitaveis, certamente por causa da muita chuva, mas está disposta a tudo reparar quanto antes.

E depois até é um consolo andar a pé... E vão-se os leitores entretendo com isto até á semana que vem. — Gil.

Arrancada, 17

Festa escolar da Arvore

Como já aqui disse, deve realizar-se nesta localidade a festa da Arvore, no proximo dia 28, a qual promette revestir um grande brilho.

E' a primeira vez que no concelho de Agueda se effectua esta util e instructiva festividade, e, por isso, para ella estão votadas todas as attentões.

E, na verdade, se em toda a parte ella tem bom cabimento, pela sua alta significação educativa, aqui era ella de primeira necessidade, porque mais de metade dos terrenos desta freguezia, são ainda de charneca inculca. E todavia, nesse terreno vegeta admiravelmente a conifera, como o pinheiro, o eucalipto, etc., que são uma das maiores riquezas publicas — o ponto é semea-los ou planta-los.

Está-se, pois, perdendo uma enorme riqueza, talvez por causa de falta de iniciativa ou de estimulo, germens que talvez despertem com esta festa.

Nesse dia veem aqui fazer duas conferencias os distinctos oradores, srs. drs. Adolpho Portella e Ferrão Corte-Real.

O cortejo percorrerá os principaes logares da freguezia, plantando uma ou mais arvores em cada um. Deve organisar-se aqui, pelas 8 1/2 horas da manhã, devendo estar de volta pelo meio dia, plantando-se aqui, nessa occasião, algumas arvores.

Assiste a philarmonica de Bellazaima.

A' noite haverá recita dada pelos alumnos das escolas, discursos, etc.

—O tempo vae melhor, trabalhando-se activamente na lavoura.

—Vindo de ferias encontra-se já entre nós o sr. Eduardo Bastos. — C.

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Subscrição aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

Transporte 166\$050
José Rodrigues Laranjeira 500

Somma 166\$550

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.^{ma} Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisboa, Rua Augusta, n.^o 100-1.^o; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.^o 36.

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos obsequiosos assignantes de Pernambuco (Brazil) de que está encarregado de mandar fazer a cobrança o sr. Augusto Gonçalves Fernandes — R. Segismundo Gonçalves, 18.

Esperamos que todos satisficam os seus debitos, pelo que, desde já, nos confessamos muito reconhecido.

Aproveitamos a occasião para agradecer, summamente penhorado, aos que têm tido a amabilidade de nos enviarem a importancia das suas assignaturas.

ABC Illustrado

POR ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o título d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas saticas», com as quaes V. Lhacastigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; de, pois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracteris-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

À venda em todas as livrarias

LIVRARIA CENTRAL
DE
GOMES DE CARVALHO, Editor
158, Rua da Prata, 160—LISBOA
MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em forma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual for a sua opinião e a sua creança, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuvas

Preço 500 réis



LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS
ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 réis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARJAS

Deposito de Material Escolar Modelos aperfeicoados de: Cartei-ras, Caixas metricas, Contadores etc. Espheras terrestres e armillares. Museu escolar e Mappas Geographicos.

Preços muitos reduzidos

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 réis Encadernado 350

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA
LINGUA PORTUGUEZA

PARA
USO DOS ALUMNOS
D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

por
ALBANO DE SOUZA

3.ª EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino, tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Tem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrução primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrução Primaria, por A. M. F.

3.ª edição. . . 100 réis



Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 réis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisará d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).



A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.



A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A accettazione que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 réis. Collecção de 12 quadros collados em cartão, 27300 réis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Tradução de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Tradução de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol., 100



PORTO

TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.

51, Rua de Sá Noronha, 59

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OBAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação Carimbos de borracha



CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:

R. de S. Miguel, 36--PORTO

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Com.º Int.

3.º ANNO—N.º 13

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno 1\$200
« —semestre 600
Africa —anno 1\$500
razil—anno—(moeda forte) . . . 2\$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. . . 10 réis
Communicados, cada linha. . . 20 »
—
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.
—
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.